



8
Agosto
1923

Ilustração Portuguesa

2.ª SERIE

N.º 913

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

Redação, administração e oficinas
RUA DO SECULO, 49 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00. — Semest. 26\$00.
Ano 52\$00. — COLONIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00. — ESTRAN-
GERO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.

MELINA

9 melhor e mais eficaz

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte.

Deposítarios gerais:

Fernandes, Almeida & C., Lt.ª

RUA DO LARGO DO CORPO SANTO, 10, 1.º

Alfaiataria “Centro da Moda”

Para homens e senhoras

Completo sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras, o que ha de mais chic. Tambem se fazem fatos a feito.

MANOEL P. FERREIRA

Rua Augusta, 141-1.º

Maquinas de escrever

Peçam orçamentos para as reparações das vossas maquinas de escrever, caluar e registar, a casa F. CORREIA DOS SANTOS, LTD., Rua Nova do A-ma, 109, 1.º, Tel. C. 5593, que as executa aos melhores preços, perfeição e rapidez.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dor corôas
d'ouro, dentes sem placa.

F. FUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.

Instituto Nacional
de
Ensino por correspondencia

Peçam os prospectos que se remetem gratuitamente com todos os esclarecimentos para a matricula nos cursos de Es-
crituração Comercial e Contabilidade.

Matricula em qualquer dia do ano. Resultados muito su-
periores aos que se podem obter do ensino oral.

O Instituto Nacional de ensino por Correspondencia tem
alunos em todo o continente, ilhas, colonias, Brazil, E. U. da
America e outros paizes.

L. Trindade Coelho, 6
LISBOA



Venda em todas as Pharmacias



As pessoas que visitam Londres encontram no Hotel Cecil justamente o que esperam encontrar de um dos hotéis de maior fama do mundo: Todos os confortos e co-
sinha esmerada. Serviço feito sem ruído e sem incomodos. Distinção e alegria.

O Hotel Cecil está magnificamente situado exactamente no centro de Londres, frente ao rio Tamisa, bem collocado, por consequencia, quer para tratar de negocios quer para divertimentos. Tem grandes salões de jantar, grill rooms, salões aparentemente completos emfim, todas as comodidades previstas e necessarias em um hotel moderno

HOTEL
CECIL
LONDON

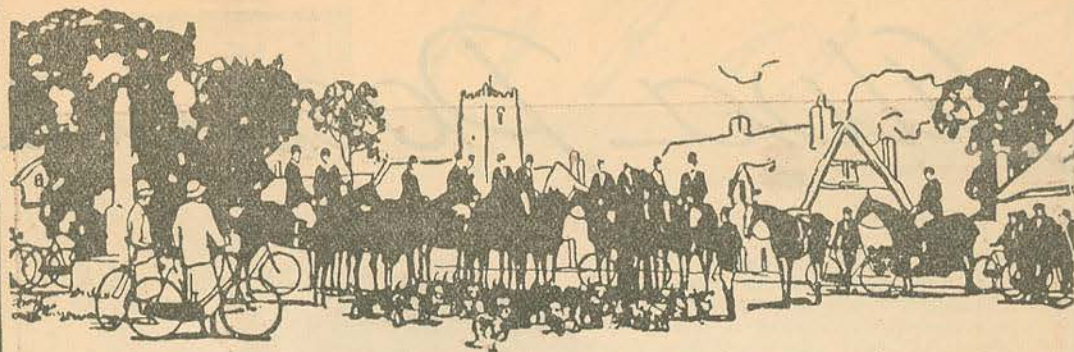
Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETOUZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Corôas
Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria, é na
Camelia Branca
L.º D'ABEGOARIA, 30
Rua Chiado - Telef 3270



TRABALHOS TIPOGRAFICOS
— EM TODOS OS GENEROS —

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 49 — LISBOA



TODOS OS "SPORTS"

FOI no passado domingo, que se realizou a disputa da Taça União, instituída pela União Velocipedica Portuguesa.

Esta prova, que este ano conseguiu interessar sobremaneira o nosso meio desportivo devido ao facto do corredor Carlos Luiz Branco ter reptado o vencedor do IV Porto Lisboa, José Pereira da Conceição, foi rijamente disputada, sendo os 100 quilómetros do percurso cobertos por este ultimo ciclista, primeiro classificado, em 4 horas, 12 minutos e 30 segundos, num magnifico estilo.

Os corredores inscritos, que primeiro se classificaram, eram os srs.:

José Pereira da Conceição, do Grupo Sport Cruz Quebrada; Carlos Luiz Branco, do Luzitano Club Ciclista; Raul Duarte, do Luzitano Club Ciclista; Manuel Afonso, do Campo Sportivo de Carcavelos; Anibal Firmino da Silva, do Grupo Sportivo de Carcavelos; Alfredo de Sousa, do Grupo Sportivo de Carcavelos; Joaquim Cairel, do Grupo Sport Cruz Quebrada; Francisco Matos, do Luzitano Club Ciclista; Artur da Silva Amaral, do Grupo Sport Cruz Quebrada; João do Nascimento Ribeiro, do Luzitano Club Ciclista, e José Sequeira Junior, que desistiu logo depois de passar na Ericeira, devido a doença.

Os corredores partiram muito depois da hora marcada conservando-se juntos até a Ericeira, onde se começaram a distanciar os primeiros classificados.

O primeiro concorrente a chegar á meta foi José Pereira da Conceição (G. S. C. Q.), que o fez poucos minutos antes do meio dia, sendo aclamado pela numerosa assistência:

1.º Carlos Luiz Branco, (L. C. C.), que obteve a segunda classificação, cortou a meta dois minutos depois do vencedor da prova.

A classificação geral foi:

1.º José Pereira da Conceição, (G. S. C. Q.);

2.º Carlos Luiz Branco, (L. C. C.);

3.º Manuel Afonso, (G. S. C.);

4.º Alfredo de Sousa, (G. S. C.);

5.º Joaquim Cairel, (G. S. C. Q.);

6.º Anibal Firmino; da Silva, (G. S. C.);

7.º Raul Duarte, (L. C. C.);

8.º João do Nascimento Ribeiro, (L. C. C.)

9.º Francisco Matos, (L. C. C.).

10.º Artur da Silva Amaral, (G. S. C. Q.);

A classificação por *equipe* foi:

1.ª, Grupo Sportivo de Carcavelos, com 13 pontos, pelo que ficou de posse da Taça União, até ao proximo ano;

2.ª, Grupo Sport Cruz Quebrada, detentor da taça dada o ano passado, com 16 pontos;

3.ª, *equipe* B do Luzitano Club Ciclista, com 22 pontos;

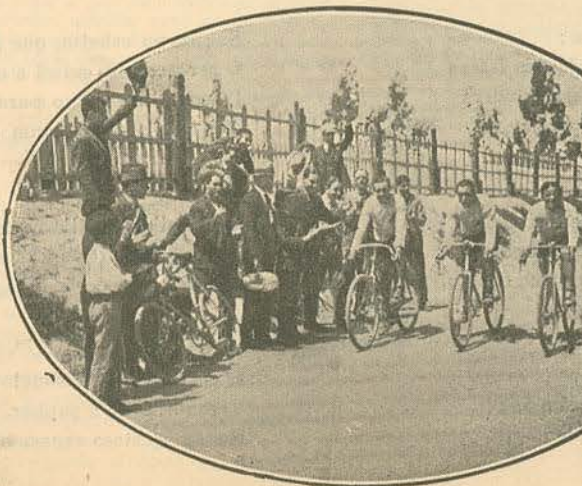
4.ª, *equipe* A do Luzitano Club Ciclista, com 30 pontos.

—O grande nadador americano Henri Sullivan realizou nos dias 6 e 7 do corrente a travessia da Mancha, partindo da costa inglesa, Dover, para Calais.

Apenas dois nadadores tinham conseguido vencer as fortes correntes do Canal da Mancha, o primeiro, o inglez Webb, que no ano de 1875 efectuou a travessia em 21 horas e quarenta e cinco minutos, e o segundo, tambem inglez, Burgers fê-la no ano de 1.11, em 23 horas e quarenta minutos.

Não obstante as inumeras tentativas que se teem realisado, mais ninguem conseguiu levar a cabo a travessia, até ao dia 7 do corrente, em que Henri Sullivan pisando a areia de Calais, depois de 27 horas e 22 minutos de luta com esse formidavel mar da Mancha, terminou a travessia iniciada na bahia de Dover.

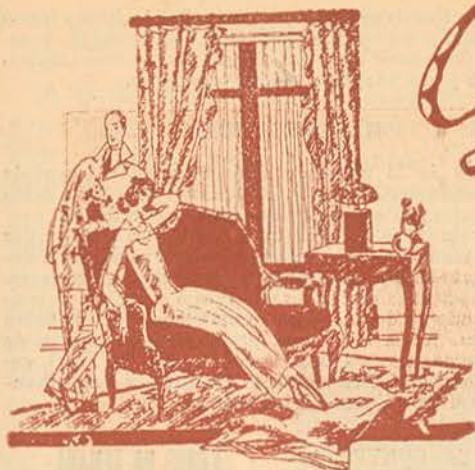
Henri Sullivan foi ovacionadissimo pela multidão que o esperava em Calais.—D. C.



Um aspecto da prova ciclista de domingo passado

José Pereira da Conceição, o vencedor

CAPA—Vida mundana, carão de Eduardo Malta que fluiu na recente exposição deste artista, realçada no Salão da Ilustração Portuguesa



AO ESCOLHER UMA CARREIRA

Muitos pais escolhem a carreira de seus filhos ainda eles se encontram no berço, sem lhes conhecer a disposição, o temperamento, a inteligência. Arreigados à sua ideia, vão deixando correr o tempo, e quando chega a ocasião, que julgam oportuna, dão-lhes parte do que decidiram, e ficam indignadíssimos quando os filhos se recusam a tomar o caminho indicado.

Terão esses pais já reflectido por uns minutos nos deveres e responsabilidades que toda a carreira apresenta ou pensado como é doloroso estar-se toda a existência amarrado a uma vida de que se não gosta e que não foi escolhida por vontade própria? Com certeza não encararam nunca este aspecto da questão, ou não teriam tido a coragem de condenar antes que-ridos a um tal suplicio.

Crime tão grande como o de forçar um rapaz a seguir uma carreira que não lhe agrada, ha só outro: o de persuadir uma rapariga que faça um coimento que o seu coração lhe não aconselha.

Ha o direito de pedir a s filhas que não escolham uma determinada carreira ou não façam um determinado casamento, mas não se pode, não se deve impor-lhes a estrada a seguir.

As dores e os desgostos escolhidos de conta te são muito mais facéis de suportar do que as pequenas contrariedades vindas por imposição alheia.

O maior erro que os pais podem fazer é mostrar desde muito cedo aos filhos as vantagens, as conveniências que encontram na carreira por eles desejada e às filhas as boas qualidades e os defeitos, não esquecer sobretudo os defeitos, porque um menino prodígio é perfeitamente intolerável—do rapaz que lhes agradasse para genro, mas sem nunca passarem da persuasão ao mando.

Se eles tivessem sempre em mente que já foram novos e que o trabalho feito com amor e por amor deixa de ser trabalho para se tornar prazer, quantas questões familiares, quantas lágrimas e as vezes quantos desastres se evitariam. Mas, infelizmente, a maior parte dos pais, depois duma certa idade, entregam-se à bebida da agua de Lethe!

EMPREGOS A DAR AO PEIXE

Não se trata apenas de saber comprar e escolher o peixe, é preciso atender também ao que se deve fazer com ele. Ha peixes que só são próprios para o almoço, outros para o jantar, alguns são melhores fritos, ha os que para serem saborosos é preciso que tenham molho. Falemos portanto de todos esses aspectos da questão.

Em primeiro logar quem tem de tratar pessoalmente com as peixeiras deve ir disposta a ter muita paciencia e se tiver ouvidos delicados aconselho-lhe a que os tape com algodão, porque é provavel que tenha de ouvir meia duzia de improperios que os livros das boas maneiras não costumam aconselhar.

Depois de assim preparada a dona da casa deve oferecer menos de metade do que a peixeira pede, e recusar-se categoricamente a augmentar; em dez casos, haverá oito pelo menos em que ficaremos vencedoras.

O melhor peixe é o que tem uma grossura proporcionada ao comprimento. A sua carne deve ser firme e

O Lar

dura, não ficando amolgada quando se prime; as guelhas vermelhas, os olhos brilhantes e especialmente não tendo cheiro duvidoso. Nunca se escolhe peixe que esteja pisado e, quando se quizerem postas, é preciso tomar cuidado que não sejam fibrosas nem moles.

Os peixes mais próprios para almoço, são: sarda fresca, carapau, sardinha, pescadinhas marmotas, linguado, salmonete, peixe agulha.

A sarda é melhor cozida; as pescadinhas, carapaus e as sardinhas fritas; estas ultimas também se fazem muito de caldeirada. O salmonete pode-se cozer inteiro ou grelhar-se, envolvendo-o em papel untado de manteiga. O linguado é explendido tanto em filetes como frito e cozido.

Para o jantar são mais convenientes e economicos os peixes grandes, como pescada, peixe espada, goraz, pargo e redovalho. A pescada é um peixe muito apreciado pelas donas da casa porque pôde fazer-se um jantar inteiro com uma de tamanho razoavel. Serve para cozer, frigar, fazer em pastelões, em «soufflés», em salada de «mayonaise», etc; o redovalho também se utiliza muito em pratos de fantasia.

O pargo é preferivel cozido ou assado; o goraz frito e com molho.

Emfim, quem tenha disposição para a cozinha pôde arranjar com peixe, um jantar magro mais saboroso do que um jantar de carne, e, por mais caro que o peixe esteja, sempre sae mais economico do que a carne, porque rende muito mais.

A NOSSA CAPOEIRA

Um processo excelente para nos familiarisarmos com o manejo duma chocadeira consiste em a fazer funcionar vasia, ou, o que ainda é preferivel, pondo-lhe ovos de gesso ou de porcelana. Durante quatro ou cinco dias enche-se o reservatorio d'agua, acende-se a lampada e anota-se cuidadosamente, de manhã e á noite, a temperatura indicada pelo termometro como se faria no caso de ovos verdadeiros.

E agora para terminar, um bom conselho. Os debutantes tem sempre tendencia a deixar subir a temperatura da chocadeira. E' preciso não a deixar nunca passar dos 40°.

E' evidente que, se uma vez por outra, o termometro subir a 41° ou descer a 38°, o exito não ficará comprometido, no entanto, lembremo-nos que a regularidade da temperatura é um elemento importante.

CALENDARIO DA SEMANA

Agosto—31 dias

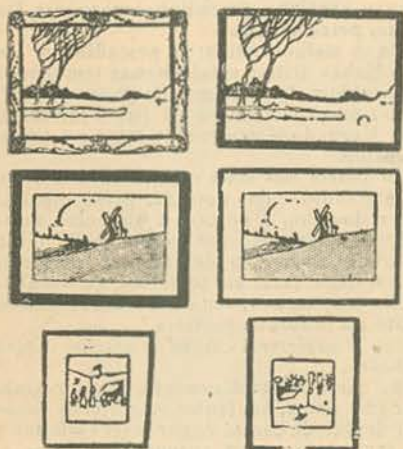
- 10—Domingo—S. Luiz.
- 20—Segunda-feira—S. Bernardo.
- 21—Terça-feira—St.º Joshua de Chantal.
- 22—Quarta-feira—S. Ilmoteo.
- 23—Quinta-feira—S. Filipe Benicio.
- 24—Sexta-feira—S. Bartolomeu.
- 25—Sabado—S. Gines.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O ENCAIXILHAMENTO DE quadros e gravuras

Quantas vezes o lar é estragado pelo mau gosto e ignorância de quem o dirige!

A mulher que não tenha inata a disposição artística deve educá-la, para que o marido, ao entrar em casa não apresente uma expressão de descontentamento com parando-a com as suas relações. Não basta que os móveis sejam ricos nem elegantes, não é bastante que reposteiros e tapetes condigam com essa elegância, ha que prestar atenção a minuciosos detalhes se se deseja evitar ofender gostos requintados e artisticos.

Olhares apreciadores retiram-se ofendidos ao depa- rarem nas paredes pesadas molduras douradas enqua- drando pequenas pinturas. E se as pessoas que assim



ultrajam a estética do seu lar compreendem como uma moldura pôde tirar valor a uma boa pintura to- mariam todo o cuidado ao encaixilhar os seus quadros, consultando mesmo gente conhecedora do assunto.

Ha varios tipos de molduras eminentemente proprias para encaixilhar gravuras e aguarelas. Aos quadros de muita cor e brilho convem molduras estreitas doura- das ou esmaltadas de branco; mas as que mais predo- minam e as que mais elegancia possuem são as feitas de madeira escura, ás quaes se deixa a sua cor natural, dando-lhes apenas um leve polimento.

Claro está que só posso apontar aqui algumas regras gerais que serão modificadas segundo o genero do qua- dro e outras circunstancias dependentes das pinturas que se desejam pendurar. Ha assuntos que exigem ca- ilhos mais ornados e complicados, como por exemplo uma scena de guerra, um quadro de drama; contudo os quadros simples não devem ter nada em volta que dis- traia a atenção da propria beleza. A regra mais segura a seguir é: Quanta mais simples o quadro, mais simples deve ser a moldura.

As gravuras que acompanham estas minhas conside- rações ilustrarão as minhas palavras mostrando bem o que quero dizer. As duas figuras que se vêem á esquer- da estragam a pintura que emolduram, visto serem de- maisiado complicadas enquanto as da direita realçam a beleza do que enquadram pela sua elegante simpli- cidade.

PARA TAPAR AS FENDAS DO MARMORE DE COR

Arranja-se um bocado de goma laca castanha, em es- camas, que se põe ao lume a dissolver, num prato de ferro. O lume deve estar fraco para não queimar a go- ma. Quando esta estiver bem derretida, mistura-se com uma espátula de latão e adiciona-se-lhe tinta em pó, da que os pintores de casas empregam, no tom que se deseja. Junta-se um pouco de estanho calcinado para endurecer a cimento e esclarecer a cor. Deita-se sobre uma placa de marmore o preparado que se corta em

laminas. Enrolam-se essas laminas dando-lhes a fórma de um lapis e com elles enchem-se as cavidades, a jue- cendo o marmore para que a goma laca se torne malea- vel e se possa adaptar ao desnivelamento.

MAÇAS ESPUMOSAS

6 pães de ló pequenos, 6 maçãs cozidas, 1 copo de vinho, (Madeira ou Porto), 2 decilitros e meio de calda forte, 6 claras d'ovo e algumas frutas cristalizadas.

Colocam-se os pães de ló numa tijela, deita-se por cima o vinho e deixam-se estar durante meia hora, depois junta-se-lhe a calda bem forte. Fica a arrefecer. Descascam-se as maçãs, tira-se-lhes o c ração e cozem-se, fazendo-as depois passar numa massa que se deixa arrefecer. Acamam-se num prato de vidro os pães de ló, amontoa-se sobre essa camada s puré de maçã, co- brindo o com as claras batidas em castelo e espalhan- do-lhe em volta fructos cristalizados.

RECEITA CONTRA A VERMELHIDÃO DAS FACES

Infusão precipitada
Glic. rina purificada
Gr. precipitada
Água de louro cereja
Alc. ol. rectificado

Lava-se todos as noites o rosto com água morna de- pois fricciona-se com esta mistura e cobre-se com uma mascara de gutta per- cha laminada.

RECURSOS DA SEMANA

Quarta-feira

Almoço

Peixinhos da horta
Bifes enrolados
Chá ou café

Jantar

Sopa de aletria
Pão alio de carne
Lombo frito
Doce de castanha

Domingo

Almoço

Pastelão de pombos
Assorda de linguica
Cacau

Jantar

Sopa de queijo
Bifes panidos com sa-
lado de batatas
Pato de fricassé
Pudim de maçãs

Segunda-feira

Almoço

Dobrada com grão
Mayonaise de aves
Chá ou café

Jantar

Sopa de tapioca com
ovos
Galinha cozida
Sandwichs de biscoitos
com creme

Terça-feira

Almoço

Ovos verdes
Lulas de caldeirada
Cacau

Jantar

Sopa de almondegas
de frito
Peixe de molho
Carne guisada com
feijão verde
Sopa dourada

Quinta-feira

Almoço

Suflê de carne
Costeletas de corn'fro
com molho branco
Cacau

Jantar

Sopa de creme de er-
vilhas
Timbales de comarço
Carne assada com san-
dwichs de queijo
Bolo inglês

Sexta-feira

Almoço

Ostras de fricasse
Aros de substancia
Chá ou café

Jantar

Sopa de leite
Peixe assado com sa-
lado de pepino
Carne com molho de
farinha
Torta de morngos

Sabado

Almoço

Omollete com chouriço
Mossinhos de carneiro
Bo o Ru nha

Jantar

Caldo primavera
Pastéis de peixe com
azeitona e rabanetes
Lombo de vitela re-
cheado
Pudim de vinho

O PADRE SANTOS FARINHA

A 9 de Agosto, com 53 anos de idade e ao cabo de uma longa doença, faleceu o dr. Manuel José dos Santos Farinha, prior de Santa Isabel de Lisboa, bacharel em teologia, desembargador da relação patriarcal, orador notável e escritor erudito. Caracter extremamente bondoso, os pobres perderam nele um dedicado amigo. O exercício da pregação e uma vida por isso mesmo dispersiva, apesar da sua precária saúde física, roubaram-no a uma actividade maior como homem de letras, investigador de assuntos históricos e genealógicos. D'entre os seus trabalhos publicados, mencionaremos as belas orações fúnebres de D. Maria Pia e do Papa Bento XV, o estudo so-

bre *A origem da vida*, a conferencia *Igreja livre no Estado livre*, a monografia *O palacio de Palhavã*, as anotações ás Sagradas Escrituras e o Agiologio com noticias desenvolvidas sobre os santos portuguezes.

Uma das caritativas obras do dr. Santos Farinha foi o Dispensario de Santa Isabel, para crianças pobres, e que actualmente estava instalado na sua propria residencia.

O enterro do talentoso ecclesiastico, que quiz ser sepultado em coval, como os mais pobres e humildes dos seus paroquianos, constituiu um testemunho eloquente de simpatia e de saudade pelo illustre extinto,



Saída do feretro da igreja de Santa Isabel para o Cemitério Oriental

PAGINA

MUSICAL

Letra de Carlos Cavaco

Cego d'amor

(Ao meu ex.^{mo} amigo e distinto barítono
Armando Baptista)

Musica de Soelro da Costa

Devagar

Quando certa vez fa-la-ram nos seus morceiros meus - Os meus olhos se encon-

tra-ram Poisados e ligados tu e tantas coisas d'eu se-ram Os teus olhos para os meus

Que os meus olhos se fi-ze-ram Es-cravos dos olhos teus, a- sum que principi-

a-ram Os teus a morceiros meus Quan-do os meus olhos se- am-ram re-

verendo dos olhos teus f Po-nem teus olhos de re-ram e se-tem nos meus en-

tao meus olhos se ga-ram a falta da luz dos teus



Entrevista Decisiva

A BORRECIDO por se ter visto obrigado toda a noite a enxugar as lágrimas da amante, saturado dos sermões da tia durante o trajecto de Paris e Orléans, Gontran de Sanluy entrou no salão dos Brasselor com a cabeça em água e a boca amarga como fel.

Mas o aspecto da creaturinha destinada a redourar lhe o braço e a assegurar-lhe a descendência, depressa lhe incutiu de novo esse gosto da vida, esse desejo de agradar que fazia com que lhe chamassem «o alegre Gontran», o «irresistível de Sanluy».

Na verdade tinha *linha* e tinha *chic* a esbelta Renée, mais alta do que a mãe e do que o pae e que, sem erguer os olhos nem os baixar, lhe dava o seu olhar e o seu sorriso tão francamente como sem cerimonia lhe estendera a mão no *shak-hands* á inglesa.

Posto que devesse, evidentemente, estar no segredo da intriga conduzida por *mademoiselle* Aurelia de Sanluy, de cumplicidade com *monsieur* e *madame* Brasselor, não se dera grande trabalho com a *toilette*.

Em compensação o sr. Brasselor, que realisára a grande fortuna, que disfructavam, em vinagre, reluzia no seu traje de gala, glabro e lustroso como um pepino de conserva, acompanhado da esposa cuja opulenta maturidade se achava comprimida num elegante vestido de seda verde sobre o qual scintilavam joias preciosas.

Ambos, olhando de soslaio, vigiavam a sua unica herdeira, e ambos, em vez dela, estremeram e córaram quando de Sanluy arriscou esta observação de uma perspicacia verdadeiramente anódina.

—Adivinho, minha senhora, que é entusiasmado pelo *tennis*.

Com efeito Renée conservára simplesmente o seu vestido de *tennis* que, de resto, lhe ficava muitissimo bem. Tal pormenor vexara e seduzira ao mesmo tempo Goutran. Destacando sobre a brancura do linho fresco o rosto de ambar e os braços nus, tinham-no instantaneamente reconciliado com a banal e ao mesmo tempo complicada aventura do casamento. Mas ia dizendo para consigo que a ingenua

provinciana teria podido prestar mais alguns cuidados de elegancia á sua *toilette* ao dispor-se á conquista de um noivo que pertencia á alta sociedade parisiense... onde se distinguia por uma notoria falta de moralidade.

Na vespera, quando consolava Lolita Bam-bou exalando o seu ciúme por ter descoberto a fotografia de *mademoiselle* Brasselor, uma fotografia bem infiel que não dava a mais pequena idéa da verdadeira Renée, imaginára outra coisa.

Tendo esgotado todos os argumentos rasoa-veis (hegára a perguntar muito seriamente á rapariga:

—No fim de contas que mal te póde fazer que eu case com esta *pobre pequena* que é tão rica?

Agora era preciso render-se á evidencia. Renée não era *pequena* e ainda menos parecia *pobre* no sentido que ele dera á palavra. Ao almoço manifestara um apetite excelente, mostrando os dentes magníficos, e atacára a sobre-mesa como uma criança gulosa, o que não o impediria de replicar ás tiradas de Goutran que esvasiava o espirito para a fazer sorrir.

Um tão grande *à vontade* desconcertava o elegante de Sanluy a tal ponto que a sua admiração acabou por se agravar com esta duvida: Talvez que a tia Aurelia tivesse dito a verdade — ao menos uma vez na vida! — afirmando que Renée não estava ao corrente dos projectos dos pais e que aquella viagem e aquele almoço em familia não a comprometiam absolutamente nada.

Uma vez nascida na sua alma aquella ideia de que a linda rapariga não o olhava como um proposito de noivo, passou do espirituoso ao terno e diligenciou aclarar aquella inconsciencia falando com desgosto do *surmenage* da sua existencia em Paris e com lirismo dos encantos reconfortantes do lar.

Ela pareceu aceitar bem as suas expansões e, sem se distrair, continuando a saborear o doce que estava comendo, respondeu com uma franqueza digna, sob todos os pontos de vista, do seu apetite. Os prazeres mundanos eram-

lhe odiosos. Adorava o campo. Desejava casar cedo e vir a ter pelo menos dez filhos.

Goutran pensou: «Decididamente, não sabe nada. Mas é preciso que eu lhe inspire outra concepção da vida. Mesmo com dez milhões de dote, desejar dez filhos! Palavra de honra que a rapariguiça é admirável!

Não tinha, porém, chagado ainda ao auge do seu espanto.

Quando o calor do dia começou a declinar, todos foram passear para o parque e logo Renée tomou a iniciativa de se isolar com ele o que devia proporcionar-lhes necessariamente um *tête-à-tête* que não seria perturbado.

Ah! acaso ela de confiaria qualquer coisa?

Decerto, bem sabia Renée o que fazia porque sem delongas começou:

— Senhor de Sanluy, conheço os projectos de meus pais

e de sua tia... Por isso quero pedir-lhe, qualquer que seja a opinião que de mim tenha formado, que diga a *mademoiselle* Aurelia, para ela o repetir a minha mãe, que o meu genitor, os meus modos, a pouco cerimonia *toilette*, por exemplo, com que lhe appareci, lhe fizeram uma impressão muito desfavorável. Presta-me assim um grande serviço. Ao contrario, se pedir a minha mão, vai ser causa de grandes sensaborias entre mim e minha familia porque...

Aqui, pela primeira vez em todo o dia, as palpebra de Renée Brasseur se abaixaram á irradiação dos seus olhos limpidos:

— Porque tenho um amigo de infancia que me... a quem... que quer... com quem quero casar.



(De Margarida Comert.)

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

RAINHA DA HUNGRIA

Para a beleza da pele, dando-lhe um aveludado e uma frescura incomparáveis. As senhoras que o usam tem uma pele ideal

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida, 23

LISBOA

Telef. 3641-N

Respostas mediante estampilha. Na provincia de Moçambique quem pretender os productos de Madame Campos dirigir-se ha a «A PORTUGUEZA» de Santos Rufino Limitada, Lourenço Marques

Bebam Agua

DE

S. MARÇAL

ELEF. C. 1556

FORNECED. RES DOS RESTAURANTS
DA
COMPANHIA DOS WAGONS LITS

Armazem de vivres

José de Pinho Costa & C.^a (F.^o), Ltd.^a

69, RUA DA BITESGA, 73

(Primeiro quartelão virado ca Rua Augusta)

Especialidade em pasteis de Belem e doces de Cascaes

LISBOA

Telephone C. 2861

Livros artigos e molernos

COMPRA E VENDE

Livraria Peninsular

79, Rua Poço dos Negros, 79

LISBOA—PORTUGAL

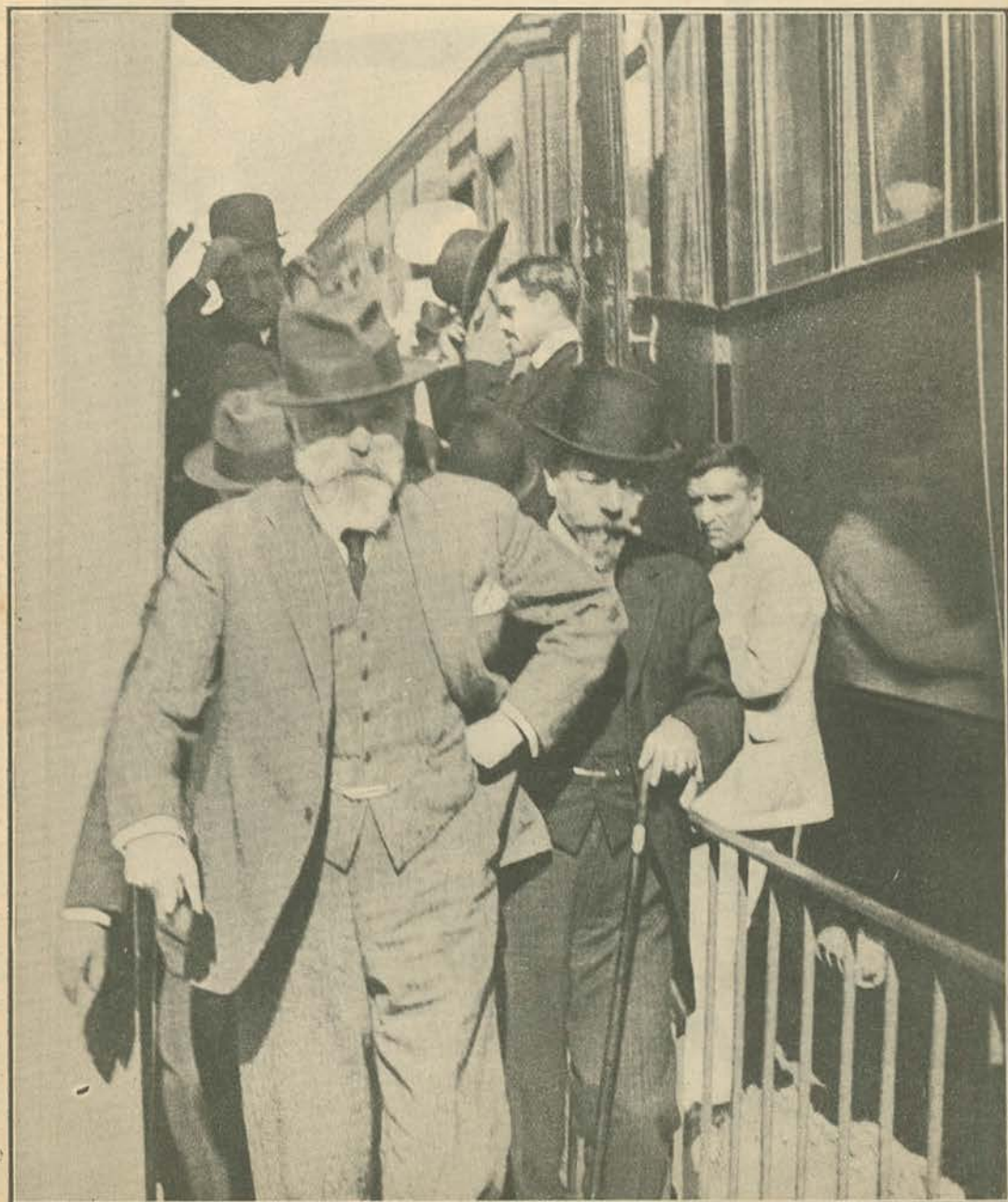
Só na Tinturaria Brasileira

Rua do Olival, 284, E., rua Torre da Polvora, á Pampulha, que se entrega um fato velhote recebe-se um fato novo, lavado e concertado ou virado, pronto para vestir, dos dois se xos.

Tinge-se em todas as côres.

Limpa-se a sêco em seis horas.

O Regresso do Chefe do Estado



O sr. Presidente da Republica desembarcando, no dia 10, na estação de Entre Campos, de regresso do Gerez, acompanhado pelo sr. Presidente do Ministério

(Cliché Segura.)

Uma festa oficial em Buenos Aires



Grupo tirado em Buenos Aires, em 17 de maio ultimo, por ocasião da celebração de 37.º aniversario natalicio do rei de Espanha, em que figuram o presidente da Republica Argentina, sr. Marcelo Alvear, e sua esposa a nossa illustre compatriota D. Regina Paccini, que tem á sua esquerda o Nuncio Apostolico junto d'aquella Republica e, á sua direita, o embaixador de Espanha, sr. Marquez de Amposta

OS NOVOS MINISTROS



Velinho Corrêa
Ministro das Finanças



Joaquim Ribeiro
Ministro da Agricultura

GAGO COUTINHO NO BRASIL



Imponente manifestação popular em frente do jornal A Patria, do Rio de Janeiro, promovida, pelo mesmo jornal, em honra de Gago Coutinho, quando da sua chegada àquela cidade, em junho último

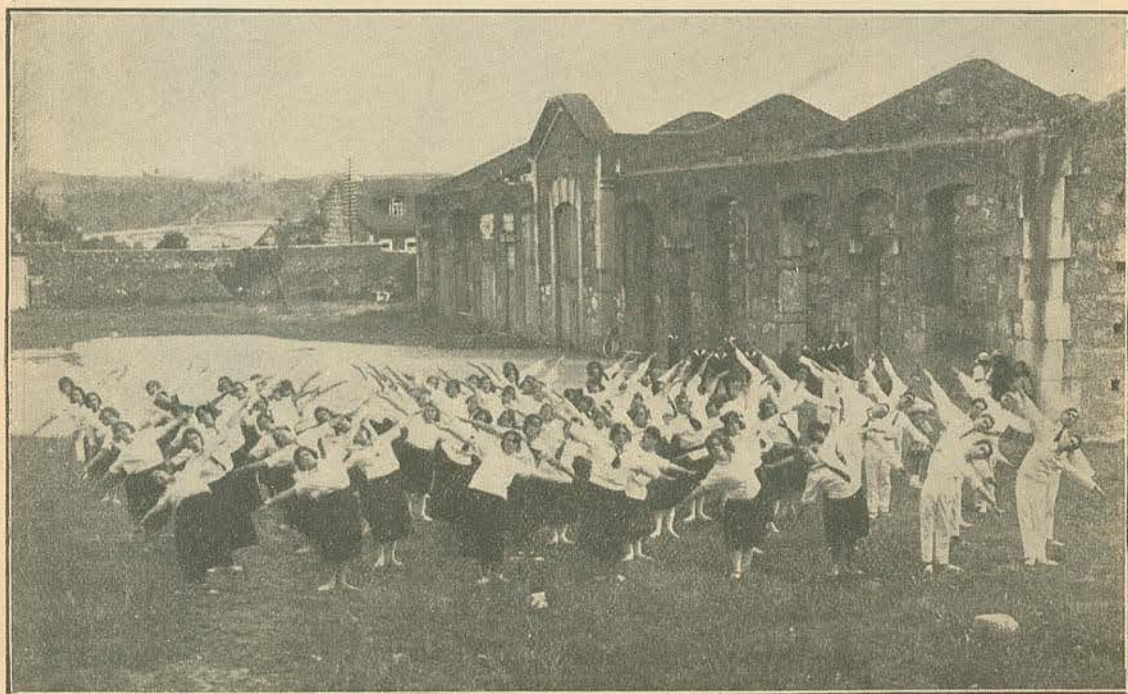
(Cliché J. A. Vieira, da Revista da Semana.)

O governador geral do Congo, em Angola



Desembarque, em Loanda, de Mr. Ruthen, por ocasião da sua recente visita à nossa provincia de Angola. A' direita do governador geral do Congo, o alto commissario daquela provincia, sr. Norton de Matos

Escola Normal Primaria de Braga



Um aspecto da parada de Educação Fisica realisada, ha dias, na cerca da Escola, pelos alunos das tres classes, sob a direcção do respectivo professor, tenente coronel sr. Dias Pereira

(Clitchés Santos Lima - Braga.)

O Rouxinol de Portugal, e os Poetas

CACILDA ORTIGÃO, a estranha cantora em cuja voz parece vibrar a saudade, como se na sua garganta privilegiada tivessem feito ninho mil rouxinoes, voltou a Portugal: — voltou ao ninho o mais lindo e canoro rouxinol português.

Embaixador alado, o Rouxinol de Portugal, A Voz da Saudade é como por lá chamam a Cacilda Ortigão, ao Brasil e á Argentina ela estendeu a sua faina seductora de encantar almas—cantando. No seu canto ha todas as cambiantes maravilhosas da Alma Portuguesa, arrebatada numa ascensão celestial, todo o lirismo divinatorio, que é o fogo purificador em que nos abramos. Cacilda Ortigão é a mais pura, a mais genuína, a suprema interprete da nossa arte de cantar — porque nenhuma outra artista, como ela, sabe dar expressão musical á saudade, que é o fundo nostalgico e ternissimo da nossa psicologia.

Gloriosa embaixatriz da nossa alma, ela soube voltar para cá, num extase admirativo, os olhos daqueles que tiveram a ventura de a ouvir. Aquecidas ao calor feiticeiro da sua voz, obedientes ao sortilegio invencivel do seu canto, todas as almas procuraram no espaço azul o azul paiz onde o Rouxinol nascera...

Foi uma jornada triunfal, essa *tournee* de que voltou agora Cacilda Ortigão. Mas a artista admiravel de que todos falaram com admiração, com apaixonado entusiasmo, com enternecida paixão — porque todos cederam ao sublime encantamento da sua voz e da sua arte — demora-se pouco...

O Rouxinol veio apenas matar saudades do ninho e, porventura, aprender com os rouxinoes seus irmãos o divino encanto de novas harmonias, o milagre de outras canções, mais enternecedoras e mais canoras.

Daqui a pouco, Cacilda Ortigão partirá de novo a conquistar novas admirações, a seduzir mais almas — a engrandecer mais Portugal, enfim!

Ave migradora da nossa arte, o seu fadario é espalhar pelo mundo o nosso nome. E quem não adorará o Paiz que se faz conhecer assim — através duma voz de irresistivel beleza, perturbante como um filtro celeste?

Cacilda Ortigão está entre nós: — mas para descansar do grande vôo triunfal; para aumentar a nossa saudade, vinha do carinho misterioso da sua voz; para erguer de novo as azas luminosas — e partir a falar de nós, a falar de Portugal, levando na garganta mais encanta-



Cacilda Ortigão

tadoras melodias e nos labios as canções mais lindas...

Emquanto, porém, não torna a partir aproveitamos nós o ensejo de escutar os que falam d'ela... Ou antes, alguns, poucos, dos muitos que o teem feito, quer por cá, quer por longinquas paragens.

E, pois que dum Rouxinol se tratava, demos a palavra aos seus émulo — os Poetas — que tanto e tão bem a teem cantado, em verso como em prosa:

Trinados... Quando tu cantas,
Todas as almas, que encantadas,
floram trinando de leve,
Ao ver-te partir sonhando,
trina a Saudade: Até quando?
Trina a Esperança: Até breve?
— E a Glória vós trinando...

(Lisboa) BRANCA DE GONTA COLAÇO

Ave da arribação, leve andorinha,
Que idea partir, e de terras de alem-mar,
Em sonora missão, voas assim,
fazendo ouvir o vosso bel-cantar:

Entre as vossas canções metei no rol
Um numero talet: original;
Cantaes o que vos canta o rouxinol
Nos loureiros do nosso Portugal!

(Lisboa) ONDE DA SABUGOSA

Cantam astros, fugem sóes,
Outros sóes que eu nunca vi
A não ser quando eis cantas...
Como foi que os rouxinóis
Fizeram o ninho, ali,
Dentro daquela garganta?

(Lisboa) AUGUSTO GIL

Voz de Cacilda Ortigão:
Esta voz que, quando canta,
Alem de cantar, encanta,
tem a magia e o condão
De que, do passar da garganta
Já sobe do coração!

(Buenos Aires) ALBERTO D'OLIVEIRA

Senhora, o Brasil conhece
de Portugal os pintores,
em autens campos de messe
e em estas cerdeas de flores;

de trovos dos seus cantores,
onde a Saudade floresce
cheia de angustias e amores
toda a nossa alma emudece...

Não ha boca que não louve
sua extrema gentileza
de encantar a todos nós:

Hoje, quando a o Brasil ouve
a propria alma portuguesa,
cantando por sua voz...

(Juiz de Fora) BELMIRO BRAGA

Onde é que vae, onde vae,
O' linda Voz portuguesa?
—Ao longe! no Sol espalhar
Sombra de Amor e Tristeza...

(Lisboa) ANTONIO CORREA D'OLIVEIRA

Quem vos ouviu a voz, sem vos ver a garganta,
julgará que uma seta agita os ramos no ar.
Trinam aves, d' luz. E ha uma fruta que canta.
Nem foi magica assim, a fruta de Mozart!

(Porto Alegre) EDUARDO GUIMARAENS

Salté, oh! lusa cotovia,
Que, entre os ramos de abril,
Vieste inundar de harmonia
O coração do Brasil.

(Paratyba do Rio) CARLOS DIAS FERNANDES

Atados menestrel! Trovadores da Aurora!
Chamma versicolor, que, em trilos e volutas,
Voceja, roucholeita nestas brandas matas,
Recolhei-vos do ninho e emudecei agora.

Repousa para, a noite, harmonias mais gratas
Gorgeardes em louvor da Embaixatriz canora
Que aqui vos vem trazer o mais cordial embora
dos irmãos d'Alem-mar, em lindas serenatas.

E' Cacilda Ortigão, em cuja voz sonora
A alma da nossa raça, em rutilas cascata
De notar de cristal se esfolha, e clama e chora...

E essa voz, sem recurso a formulas abstractas,
Da amizade ancestral os laços avigora
Muito mais e melhor que a voz dos diplomatas...

(Belo Horizonte) ARDUINO BOLIVAR

Cacilda Ortigão leva para a America a arte duma exótica cantora, o encanto simples duma portuguesa de lei e tãda a graça com que os seculos loucuram a mulher. Admiram-na os homens e Deus—estou certo—deve vê-la e ouvi-la.

(Lisboa) AQUILINO RIBEIRO

Os grandes artistas—disse Carlyle—são embaixadores que os povos mutuamente se enchem. D'esta vez, Portugal, patria da voluntaria, manda da nações d'Alem—Atlantico, como embaixador extraordinario,—um rouxinol.

(Lisboa) JULIO DANTAS

Oçam-na, oçam-na bem, com os ouvidos internos—da alma—que interpretam o que ha de exceto nos seus gorgeios, e digam depois se o canto de semelhante artista é ou não um refugio da face divina.

(Foz do Douro) ANTERO DE FIGUEIREDO

Toda o sentimento profundo, que perfeitamente se revela, transforma-se num canção. Mas quando uma voz de Mithra, na plena posse das duas artes mais perfeitas,—a poesia e a musica, conjugando-as canta, então não pode conceber-se mais vida e sublime revelação do espirito.

(Lisboa) JAIME CORTESAO

Maravilhavam-se os gregos de que o seu semi-deus renunciasse em torno de si, ao lango da lyra d'ouro, homens e arvores, pedras e feras. Melhor maravilha, reusam a Arteista Perfeta, fazendo apodiar as almas, quando canta.
Que bem seria que as notas d'essa garganta admiravel e corporificassem no ar, para que as apinhassimos e cobrissemos de caricias, como avesinhas tremulas, ainda vibrando do canto divino que ouviram.

(Presidente do Estado do Maranhão)

GODOFREDO VIANA

Da voz de Cacilda Ortigão pode-se dizer que dilue nos seus acenos toda a doçura e carinho da nossa raça comuna. Inteira ter sido assim, a voz d'aquella extremosa Ceci,—nota a mais terna da epica musica do Brasil,—que do igneo ao azul tropical, amaneceu os impetos do selvagem cantando a musica deliciosa da terra de seus pais.
Cacilda e Ceci—até nos nomes parecem irmãos.

(Rio do Janeiro) LEMOS DE BRITO

Cacilda Ortigão possui a mais doce voz que eu tenho conhecido. Merece de todos nós o culto que eu lhe consagro pela beleza, pela pureza, pelo talento.

(Santos) MARTINS FONTES

Cacilda muitas vezes transpõe as fronteiras do natural. Secilios, a fluctuar sempre n'um mundo de incertezas ou por vezes de desvarios, e reborda a toda a silva—ante o claro redemptor que nos deicia d'essa d'aquele vida, impudicamente a nossa vontade, então, era... de malhar aquela boca.

Canta o Livro Santo que na Criação, o Maluco teve d'esses furiosos idos, em face das vozes do Céu...

(Pelotas) VALDEMAR GUFAL

Pernambuco, outrora centro privilegiado de toda a grandeza intelectual e artistica do Brasil, tem sabido render a Cacilda Ortigão as honras que a que tem todo o direito, o que imporia em se poder afirmar que a nossa educação artistica subleto perfeita e verdadeira, como um grande pulso que descomparasse, para arromper nação e soberano, quando por ele sopra, dilatando a vida, o talento, o encanto e o merito dos artistas grandes, como esse "Rouxinol de ouro", que honra e engrandece ao velho Portugal, glorifica e ainda a lingua de Camões.

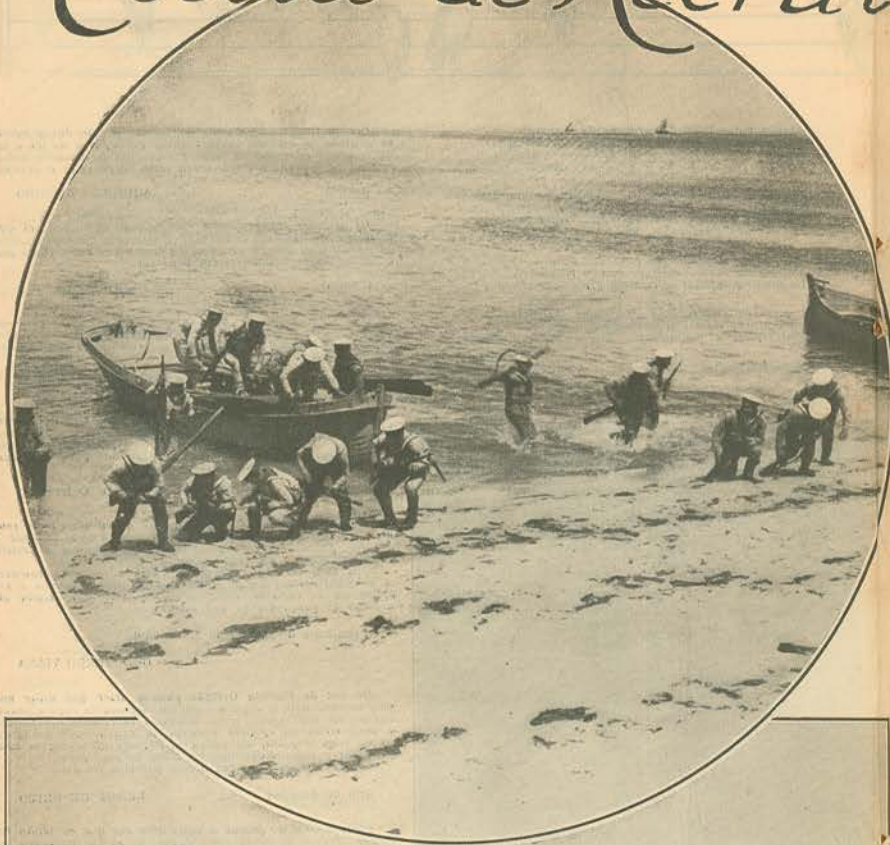
(Pernambuco) BEZERRA LEITE



Cacilda Ortigão na Lucia de Lammermour

Cacilda Ortigão na Carmen

Escola de Recrutas da Armada

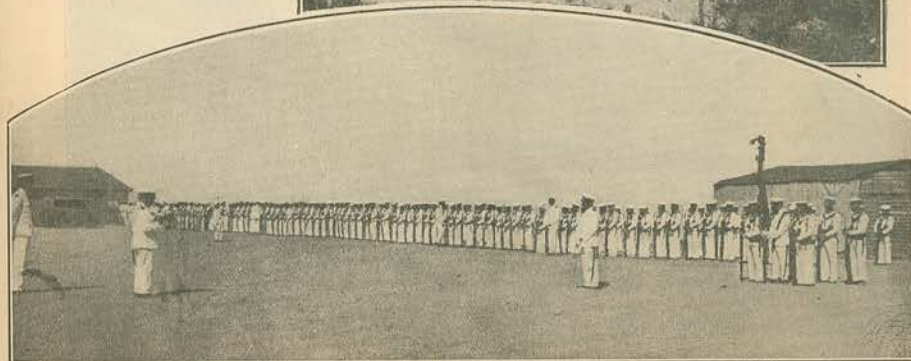


Desembarque da infantaria—A infantaria formada na praia, em linha de atiradores, protege a manobra a no tagem dentro d'água, da artilharia



NA Escola de Recrutas da Armada, no Alfeite, realizou-se, no dia 8, com grande solemnidade, na presença do sr. ministro da Marinha e grande numero de convidados, a cerimonia do juramento de bandeira por parte de 400 novos marinheiros. Foi a referida cerimonia, que decorreu por entre o maior entusiasmo, precedida por varios exercicios desportivos e militares, dando destes ultimos, as nossas gravuras, sugestiva impressão.

A interessante festa terminou por uma parada, passando em revista, o ministro, as forças que haviam evolucionado, emquanto a banda executava o hino nacional, e um copo d'água, na sala dos officiais, durante o qual se trocaram efusivos brindes.

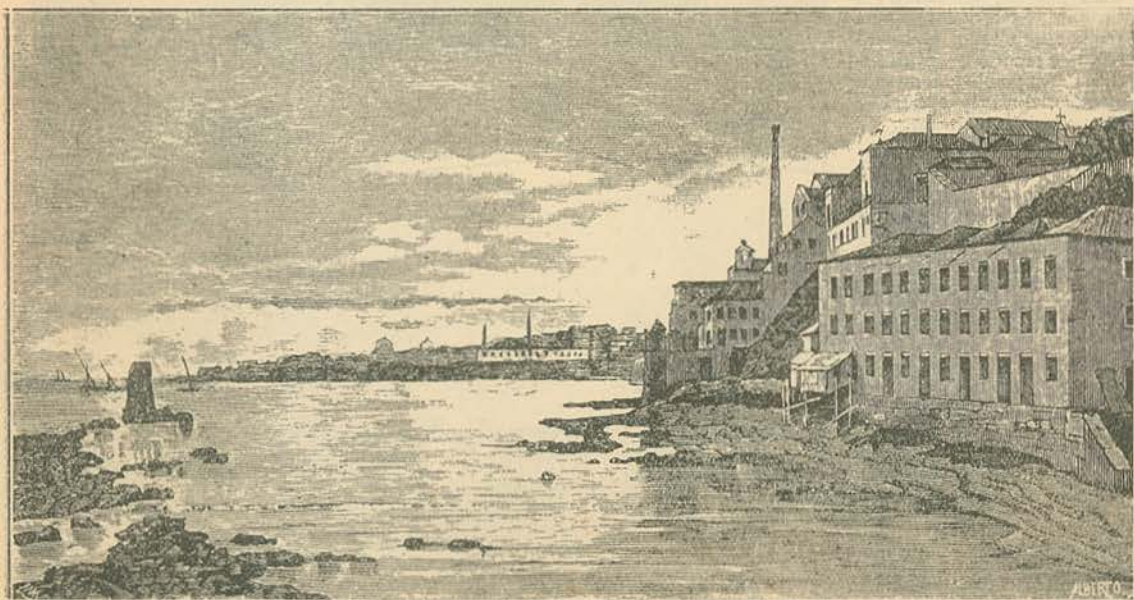


Desembarque da artilharia já montada—A artilharia fazendo fogo—A cerimonia do juramento de bandeira (Clichés Salgado.)

Ha Muitos Anos...



A praia da Figueira da Foz, ha 37 anos, segundo uma fotografia. (O Ocidente, n.º 281.)



A Rocha do Conde d'Obidos, ha 50 anos, segundo um quadro de Alfredo Kell. (O Ocidente n.º 305.)

Albino Forjaz de Sampaio no Rio de Janeiro



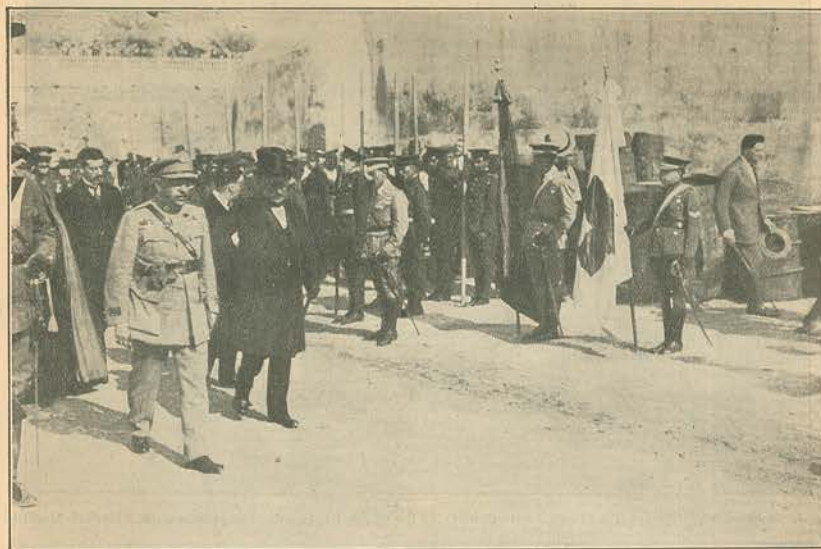
(Legada do nosso presado colega e ilustre homem de letras, ao Rio de Janeiro, no dia 25 de junho ultimo, a bordo do Massilia



Assistencia á conferencia realisada em 2 de julho no Teatro Republica, do Rio, por Albino Forjaz de Sampaio, conferencia que versou sobre o seu livro Palavras clinicas, tendo sido o conferente apresentado pelo grande amigo de Portugal e dos portuguezes, sr. dr. Rafael Pinheiro

(Clichés J. A. Vieira, da Revista da Semana.)

MISSÃO PORTUGUEZA DE ESTUDO A MARROCOS



Desembarque da Missão em Ceuta, vendo-se, à esquerda, o seu chefe, sr. Afonso Dornelas, ao lado do Alcaide da cidade



A Missão, e os jornalistas portugueses que a acompanharam, ao Hotel Magestic, de Ceuta. A' direita do sr. Afonso Dornelas, o general 2.º comandante militar da cidade e, à esquerda, o Alcaide



A Missão e os jornalistas a bordo do navio de guerra espanhal Laya, a caminho de Alcacer-Ceguer



Chegada da Missão a Alcacer-Ceguer. A's portas da povoação, o Introdutor dos Embaixadores Tobán traduz, ao chefe da Missão, as boas vindas do Alcaide

(Clichés Costa Salas.)

"Estrelas e Atores do Cinema



até tres filhos, e ainda com Phil Ainsworth, de que se separou para casar com Ben Delly.

Barbara La Marr, podemos afirmar que muda de marido com muito mais facilidade do que em Lisboa se pode mudar de residência...

—A Metro realizou uma curiosa película intitulada *Cordelia the magnificent* (A magnífica Cordelia) em que Clara Kimball Young tem um dos seus melhores trabalhos.

O entrecho do film é muito simples, não deixando por isso de ser interessante:



Um dos
prestígeios
do
publico,
Carlyle
Blackwell

BARBARA La Marr, uma das mais insinuantes actrizes norte americanas, casou-se em Los Angeles, em 7 de maio, pela quinta vez...

O seu novo consorte é Jack Dougherty, que ultimamente trabalhou com Ruth Roland, uma série da casa Pathé.

O marido precedente de Barbara foi Ben Delly, de quem se divorciou há menos de um ano em New Jersey.

Barbara La Marr, antes do seu casamento com Ben Delly, fôra casada com Jack Lytelle, seu primeiro marido, de quem se divorciara na California, depois com Lawrence Converse, cujo casamento foi anulado por se provar que Laurence já era casado, tendo

Cordelia, rapariga da moda, rica, traz 'endoiçados alguns dos rapazes das suas relações, com os seus encantos e inteligência. Mas, o acaso faz com que Cordelia mude de situação e fique reduzida á maior pobreza. Jerry Plimpton, um dos apaixonados de Cordelia, faz-lhe propostas de casamento, que esta repele preferindo trabalhar honestamente a casar por interesse com Jerry, que lhe desagrada em absoluto.



A actriz
Marcela Pradol,
no film
da
Gaumont,
O Carnaval das verdades

Raquel Meller,
protagonista
de
Arlequins de seda e oiro,
da
Royal-Film



Cordelia é depois victima de intrigas e maledicencias de que por fim se liberta, terminando a película a contento dos espectadores com a victoria do verdadeiro amor.

Na interpretação tomam parte, além de Clara: Huntly Gordon, Carol Holloway, Loyd Whitlock, Jacqueline Gadsdon, Lewis Dayton, Mary Jane Ironig e Katherine Murphy.



Novo provedor da Assistência Pública, que depois d'amanhã tomará posse do cargo

Dr. Alrânio de Melo



O sr. dr. Agostinho Fortes realisando o sua notavel conferencia contra a pornografia no Teatro no domingo ultimo, na sede da Universidade Livre



Notavel novelista, poeta e dramaturgo espanhol que se encontra entre nós, de visita

Wenceslau Flores



Deputado, diplomata e jurista brasileiro, que acaba de ser nomeado presidente da delegação brasileira na Liga das Nações



Ferreira do Amaral

Ilustre official superior da Armada e homem politico, falecido em Lisboa, no dia 11



Joaquim Sorolla

Grande pintor espanhol que acaba de falecer em Cercedilla, com 60 anos



Escr'tor humorista espanhol que tambem se encontra de visita em Lisboa

Festa da Flôr em Aviz, a favor da Cruz Vermelha



A comissão promotora da Festa, constituída pelas senhoras: (da esquerda para a direita, sentadas) D. Domitila Rosa Fouto, D. Joana Margarida da Costa, presidente da comissão; e D. Tereza Clara Pereira; (de pé) D. Maria Marques Paes, D. Ana de Jesus Sombrelreiro, D. Maria Iulza Fouto, D. Rosa L. Sato da Fonseca, D. Felisberia Maria de Carvalho, D. Deolinda Velez das Neves e D. Deolinda de Jesus outro



Pessoas que auxillaram a referida comissão, a saber: D.^{as} Maria F. Gomes Neves, Antonia G. Coelho, Margarida F. Carrilho, Maria D. Belião, Julia e Margarida M. da Costa, Lucrecia e Rosa M. Idefonso, Maria José Ida, Joaquina T. Varela, Maria Joana F. Varela, Fernanda V. Neves e Julia M. Andorinho e as meninas Gertrudes Figueiredo, Joana F. Leal, Ana Isabel e Alice Risques, Alice Idefonso e Florinda das Dôres Sombrelreiro



BRIC-À-BRAC

para mais mediante arranjos nem sempre felizes—nem sequer meticolosos, por vezes—de colaboradores adventícios, velhos ou novos; retrazer para a cena Cascaes, sem colaboradores, mas através obras tal como *A lei dos morgados*, de assunto na verdade de molde a por ali além nos interessar, nos tempos que vão correndo; e até, no caso das revistas, recordar pachoucheadas que, por pouco se recomendando sempre, se alguma coisa as recomendou, alguma vez, foi a alusão a factos ou ocorrências de há muito esquecidos, não diremos que se nos afigura tempo perdido—afirmamo-lo, porque os factos ali estão a dar-nos razão plena e irrefutável. O publico actual não sente nada disso e não ha esforços de arte nem de artificio que salve o empenhimento da mais lamentavel, mas inevitavel, das derrocadas.



Notamos, porém, agora, que em generalizações gastamos o melhor do espaço de que dispunhamos e, tendo de nos referir, individualmente, a umas duas ou tres peças, de nenhuma tratamos, nessas condições. Para que a falta não seja total, deixando, embora, as outras para a semana vez, até lá, os cartazes ainda as mantiverem, referir-nos-hemos a uma que elles não manterão com certeza, pois antes mesmo de sair esta cronica, ja terá deixado de se representar, quando não seja por falta de publico, por a companhia que a exhibiu ter interrompido os seus espectaculos.

Trata-se da *Casa em ordem*, que se encontra, precisamente nas condições, acima por nós frisadas, de peça velha e não antiga, de *bric-à-brac*.

Devemos começar por dizer que desconheciamos a obra de Pinero. Desconheciamos-la de vista: porque, até de mais, ella era nossa conhecida de fama. Como, na peça, succede a sua verdadeira protagonista que, falecida anos antes, com tal cheiro de santidade se foi de lá para melhor que tornam impossivel a existencia, no *meu*, a pobre Nina, sua snecessora, a *Casa em ordem* através a critica e os criticos, dentro tempo e de agora, chegará a nós como sendo o apurissimo da perfeita obra de Teatro. Tudo, nela, era enluthado; tudo, esticada ordenação sóbria, bem lançada, de interesse crescente, o proprio dialogo apenas continha o que tinha de conter, valendo, nele, as palavras por algarismos e constituindo, segundo os Informes, cada scena uma soma parcial, de que os quatro actos vinham a constituir a soma total de perfeições.

Ora apesar disto—se não talvez por isto—o effeito que nos deixou a *Casa em ordem* foi desgracado. Em primeiro lugar, o dialogo decorre monotono, arrastado. Onde longe estamos do *quantum saltu* universalmente apregoados! Depois, o elxo da peça não passa dum *truc* que o publico, pelo menos o publico portuguez contemporaneo, muito mal-afinado, com certeza, que o inglez de todos os tempos, muito logo. Aquella insistente recommendação, ao menino, para não mexa nos objectos do *boudoir* de santa mãã que Deus-bãta, conjugada com o exagero com que aparece marcada a amizade do mesmo menino pelo amigo velho da casa, desvela, logo, que a sobredita mãã não nasceu... daquillo que foi e a velha amiga da casa danillo que são, quasi sempre, os amigos velhos e novos. Onde, porém, soba de ponto ao ponto de atingir propozições da historia da Carochinha, a intriga de tão apregoadã obra-prima é no decurso da saga da Polichinela. Aquella historia da carteira com as cartas adulterinas, descoberta, ainda pelo menino com o precioso auxilio das ratas, é na verdade como *trouaille* teatral, uma autentica espeteira de rata.

E não insistiremos na defeito da peça que, esse então, excede tudo quanto possa conceber-se, sob a ponto de vista do inconcebivel! Se as cartas haviam de apcher por ir parar ás mãos da marido enganado, como se gasta um acto todo a simular que o contrario succedea, conforme era moral e até justo que succedesse, para que, ao menos, do naufragio—com que, aliás, todos parecemos conformar-se, muito á inglaterra—se salvasse a criança, com culpa alguma de terido os paes que o autor lhe deu?

Mas—dirá o leitor de si para consigo—como é que, ha-quem se atreve a tratar, nestes termos, uma obra do Teatro desde ha tanto e por toda a gente tida por imperavel? Já é arreio!

Será? Mas é tambem, aquillo que sentimos, não tendo-nos culpa de discordarmos por completo da opinião de quem a critica, lá por fóra, noutas condições de ambiente, cá dentro noutas condições de tempo, que talvez fossemos apreciavel o que, hoje se nos oferece insupportavel e, ainda cá dentro, agora, isto é, quando a peça reaparece, sob a impressão da fama que a acompanhava, em seia sacrificando o sentir proprio, ao alheio. Que é o que nós não fazemos.

Se ha, portanto, culpa da parte d'alguem, é de quem foi pertinher, no seculo do *bric-à-brac*, um dos taes objectos que não merecia ser limpo do pó, tal qual como os ratos, que, ajudando a descobrir as cartas da primeira mulher de Jesson, lhe deram em terra com todo o cheiro de perfeição.

ZORLO

NÃO se dirá que, quanto ao que respalta a repertorio teatral estamos a nadar num mar de novidades. A parte uma tentativa *butchuesca* que, essa propria, além da novidade de lhe faltar o melhor que caracterizava o genero, só offereceu, ao publico, a do desdobramento por dois teatros da ausencia do mesmo publico, como se para a atestar não bastasse bem um—o que vemos por ali? Peças antigas—va lá o eufemismo...—em todos os cartazes.

Nesta maneira, o Nacional da-lhe de *Five mil dollars*; o Apolo de *Pupils of St. Helier*, com *A lei dos morgados*, já engatilhava S. Carlos, desde a *Zaza* a *Casa em ordem*, lançou em revista o repertorio, de ha vinte annos, da sua almas muito *lustre redette*; o Politeama faz outro tanto ao, embora menos edoso, do seu tambem illustre *at* e o proprio Avenida, com o explorat revista, não sae das antigas, retrocedas a Ripolin.

Em resumo, o autentico regimen de *bric-à-brac*.

Sabemos bem que a maldita desvalorização ao esendo até nisto se faz sentir. Bons tempos em que o repertorio francez dava para tudo—Inverno e verão—vão indo alem duns mil francos que, por sua vez, pouco excediam duzentos mil reis, as exigencias inicias dos autores! Quando se lhes pagava. Agora, tudo isso custa um dinheiro doudo o fia mais fino, quanto a pregar-lhes cão.

Mas, que diabo! Então, esses autores nacionaes, que tanto dão que falar deles, que fazem e onde se metem? Humoriza-se que se reservam para o inverno, a *seison* por excellencia, o que está muito bem se olharmos apenas a parialidade da excellencia da sua produção, com a da estação. Mas está pesadamente se se tiver em conta o que emellante de defeção momentanea concorre para comprometer os creditos tradicionais dos colegas mortos, nacionaes e estrangeiros. Escreveram eles em muito outros tempos, debaixo de muito outras condições scenicas, sob a influencia de gostos literarios muito diversos, para um publico, esse mesmo, parecido com o de agora como ovo com espielo e para actores—isso então...—de temperamento e feição artisticos diversissimos dos que possuem os actuaes. Não discutimos se melhores, se piores. Completamente diversos.

Daqui, a *razão* que estão soffrendo peças, as quaes, por mais que a tradição as glorificasse, mal resistem ao confronto quanto a sua demora no cartaz, com o *Mur alto*, do sr. Ferro, e quanto ao que se maliz delas, com o *U Ludo*, do sr. Cortez. E, como consequencia, vá de annunciar um novo manifesto dos taes autores mortos protestando, não contra a má fé da critica, desta vez, mas contra a esterilidade egoistica dos colegas vivos e a inabilidade seleccionadora dos empresarios *bricabraguistas*.

Porque sciencia ou apenas arte, é uma, a do *bric-à-brac* e, a quem não a souber cultivar, succede-lhe como a certa dama do nosso conhecimento que, julgando ter mobilado, a antiga, uma casa de janitar, apenas conseguiu atravancala de trastes velhos.

Para que um novel e, paralelamente, uma peça, mereçam honras de exumação do recondito dum armazem ou do pó dum arquivo não basta terem-se conservado por lá muito tempo. Merece se torna, quanto às peças, que versem temas tão profundamente humanos ou possuam predilectos de tão alta concenituidade que lhes garantam direitos constantes a revivescencia, o que é o caso de toda a obra de Molière e quasi toda a de Shakespeare, ou disponham de qualidades de estilo que marquem uma época, como a do nosso Garrett, ou ainda nelas concorram razões de ordem estimativa com as de Camões, Gil Vicente e do mesmo Garrett.

Insistir, porém, em ressuscitar Julio Diniz, por exemplo,

SEARA ALHEIA



O professor—Sim senhor, o pequeno é muito inteligente! Havemos de fazer dele um sábio!...

A mãe—Peli que isso reñde... Nem me fale em semelhante coisa!...

(De *Le Matin*.)



—As minhas testemunhas aguardarão as suas, amanhã, durante o dia todo!

—E as minhas também...

(De *Le Petit Parisien*.)



O polícia—Mãos no ar! Se se mata, dou-lhe um tiro!

(De *The Life*.)



A actriz (dizendo)—Agora vê se fazes, hoje, o mesmo que hontem, no ensaio geral e, quando eu, no 2.º acto calo de joelhos, a gritar: «Onde estás, minha mãe?!» me respondeste lá da plateia: «Estou aqui, Filiz!»

(De *Le Journal Amusant*.)



—Não ha duvida, minha senhora, que já sou de uma certa idade... Podia ser seu pae!...

—Fáça favor de não falar ao respeito a minha mãe...

(De *Le Journal*.)



—Al, meu querido maridinho, como tu me deixaste sósinha, neste mundo!...

(De *Bueno Humor*.)

CURSO JURIDICO DE 1898



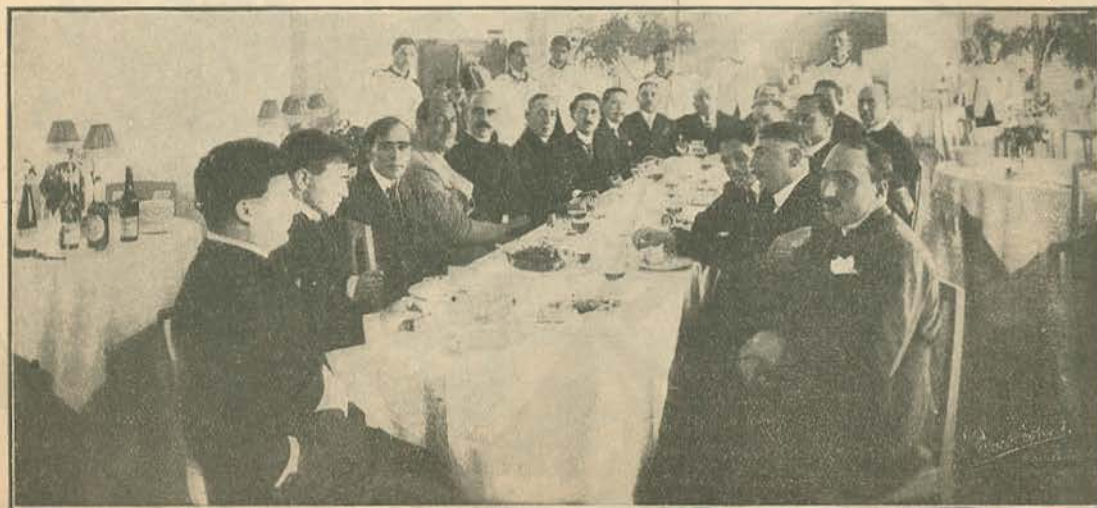
Da esquerda para a direita: 1.º plano: drs. Alexandre de Matos, Toscana de Figueiredo, Correia de Barros, Borges da Gama; 2.º plano: drs. Gens de Azevedo, Cláudio Olimpi, Fausto dos Santos, Garcia Filho; 3.º plano: drs. Peixoto Vieira, Eugénio da Silva, Afonso de Melo, Pinto Osório, Amaral Reis; 4.º plano: drs. Virgílio Faria, Moreira de Castro, Ferraz de Carvalho, Sá Brandão, José de Almeida, Lino Machado

Reuniram em Coimbra no dia 7 de Julho findo, a fim de celebrarem as bodas de prata do seu curso, ou seja o 25.º ano da respectiva formatura, os componentes do Curso Jurídico de 1895 a 1898 que figuram na fotografia que acima repro. uzimos. A festa decorreu nos termos da mais calorosa cordialidade, tendo os celebrantes ouvido missa por alma dos seus 23 condiscipulos já falecidos, visitado a Universidade, cujo director cumprimentaram, cumprimentando também o sr. dr. Guimarães Pedreira, unico dos seus lentes sobrevivente, e assistindo, á noite, a um banquete de confraternização que decorreu animadíssimo.

E' de recordar que, do curso em questão, fizeram parte: os poetas srs. Augusto Gil, Carlos de Lemos,

Guedes Teixeira, Gonçalves Cerejeira, os parlamentares srs. Alexandre Braga, Afonso de Melo, Alves de Oliveira, Carlos Fuzeta, Pires do Vale e J. aquim Crisostomo; o jornalista sr. Gaspar Baltar, os professores srs. Alves dos Santos, Carlos de Lemos, Ferraz de Carvalho, José de Almeida e Nunes da Ricca; o industrial sr. Sequeira Oliva (Conde de Sequeira), os financialistas srs. Eduardo Correia de Barros e Claudio Antunes, os colonlaes srs. Peixoto Vieira, Manuel Mansilha, Avelino de Oliveira, Silva e Costa, Teixeira Pimentel e Garcia Fialho e tantas outras individualidades que pela magistratura, notariado e advocacia em Portugal, nas Colonias e até no Brazil, se tem imposto, por seus meritos, á geral consideração.

Viagem ao Brasil do sr. dr. Julio Dantas



Banquete de homenagem que foi oferecido ao illustre viajante no Funchal, á sua passagem para o Rio de Janeiro, por uma comissão de Nacionalistas locais, e no qual tomou parte o dramaturgo italiano Dario Nicodemi que figura, na fotografia, ao lado do homenageado (Cliché Perestrelos Madeira.)



Página Elegante



A moda, libertando-se da néla dos preconceitos, adotou para divisa: pleno capricho.

As suas mais recentes criações, sem nenhuma subordinação a estilos determinados, afirmam a mais ampla fantasia, a propósito de romper deliberadamente contra a regência da forma, e uniformidade da linha.

E assim, a inscristante soberana da elegância, sempre convencional, a desoito da sua constante revolta, contra o convencionalismo, - se ela é a imagem fiel do paradoxo! - segue triunfante na sua missão de pinelar de interesse o vulto feminino, ridiculizando a tido o instante de novidade, e proclamando a independência do gosto, dilata ao infinito o âmbito da sua fantasia creadora.





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

CLAUSTRO DE SIMBOLOS, por Aleixo Ribeiro

Sub-intitula-se o segundo livro do sr. Aleixo Ribeiro «Poema da natureza e da alma». O auctor não acusa uma verdadeira personalidade n'estes versos em que se notam multiplas influencias, nomeadamente dos ro-
manticos. O sr. Aleixo Ribeiro tem lido muitos poetas e, embora os não decalque com seryilismo, faz que nos lembremos deles, quer quan-
to á forma quer quanto aos conceitos. Em geral metri-
fica bem, mas uma critica severa poderia aqui ou acolá apontar-lhe deslises. Ha, por vezes, imagens que não tem sentido, o qual é sacrificado á necessidade da rima. Assim se diz, por exemplo, que as mãos da mulher amada evocam com «a pompa de um sacario» cer-
tas arias, ao piano, só para rimar com mobiliario e lam-
padario. No entanto, á parte alexandrinos frouxos ou errados, outros ha bem me-
didos, musicas e sem duvida poeticos. O sr. Aleixo Ribeiro é um devaneador, um filosofo, um «visionario» como a si proprio se chama. Os seus sonetos, poemas e liricas não lhe afirmam, porém, desde já uma sólida reputação. Aguardemos futuros trabalhos. A edição é da Casa Garrett, de Lourenço de Melo, Lisboa.



Aleixo Ribeiro

REVISTA DE ARCHIVOS, BIBLIOTECAS Y MUSEOS

Temos presente esta importantissima publicação que é «Organo del cuerpo facultativo del ramo», e que vem a lume em Madrid. E' um dos mais belos testemunhos do adiantamento das sciencias da especialidade em Hespanha e no volume correspondente ao ultimo trimestre de 1923 salientaremos os magnificos estudos relativos á imagem da Virgem Maria, dos selos (estudo de sigilografia hespanhola dos seculos XIII, XIV e XV), a origem e influencia dos cantares de festa, ao paralelismo entre as instituições fundametaes da sociedade celtica e iberica, á ourivesaria valenciana na idade media, etc.

VERSOS, por Afonso de Castro Rebelo Filho

O autor é, seguramente, um dos mais notaveis poetas brasileiros da actualidade. O volume, com tamanha simpleza intitulado *Versos*, constitue um escriptorio de autenticas joias do mais puro parnasianismo. Afonso

UMA INFELIZ — E' impossivel dar receitas para á felicidade, minha senhora. Depende muito do genio de cada um. Porque, não tenha disso a menor duvida, a felicidade depende muito do nos o genio. Contudo ha occasões na vida em que só os que não passaram pelas coi ds se atrevem a dizer: Não se importem, riam! — D.

LUIZA — Conforme a casa, assim devem ser os moveis. Manee me dizer se a sua casa é anti á ou moderna, se os tectos são al os ou baixos. — D.

UMA INCOMPREENDIDA. — As qualidades em certas occasões tornam-se defeituosas. Assim acontece com o optimismo. Nem com todas as pessoas se pode ser optimista porque ha caracteres que se irritam deante dessa manifestação. — D.

A. R. (J. V.) — São muito boas as duas poesias. P. blica-las-hemos com imenso prazer.

MARILIA NUNES — A sua Aguardeta publica-se; o Trelte Muster, não. A igela é intere-sante, mas esta m il aproveitada. Litera lamente a nobos os trechs são friquinhos mas para J animar a proseguir, pois tem recursos para fazer uelhor, dar-se-ha publicidade, repetimos, aqute seu trabalho.

CJSNE BLAK — O que man tou não vale nada. Escrev muito rasgue muito — e daqui a alguns anos apaieça.

UMA GARRIDA — Esse assunto de modas não é proo la-mente a minha secção, mas como me pede apenas a minha opinião, posso, dir he-hei que aquirindo um tecido es-quece, esci heria o xadrez encarnado e branco, amarelo e preto com listas azul vivo. D.

de Castro Rebelo Filho pode considerar-se em requin-
tado cultor da forma. Os *Versos* abrangem: «Oblata»,
«Contemplaço», Poemas de «Antanho», «Flor de Liz»,
«Estrada florida», «Vida sonora» e «Ultimo canto». Extraordinaria riqueza verbal, esplendor de imagens, ritmos e rimas cuja musica nos embala, nos acaricia, nos entusiasma e nos deslumbra; paleta em que se misturam todas as cores, singular poder evocativo e descritivo, magnificencia poetica porporcionada á grandeza dos temas, eis o que mostram e afirmam os *Versos* do illustre bahiano, de cuja obra não citamos nenhuma parte em especial, limitando-nos a uma referencia ao soberbo e epico soneto consagrado a D. Afonso Henriques. Edição excelente.

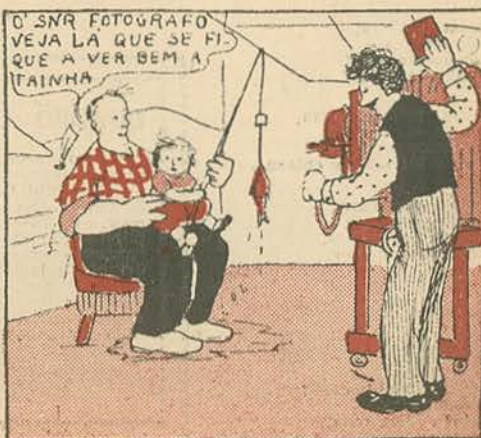
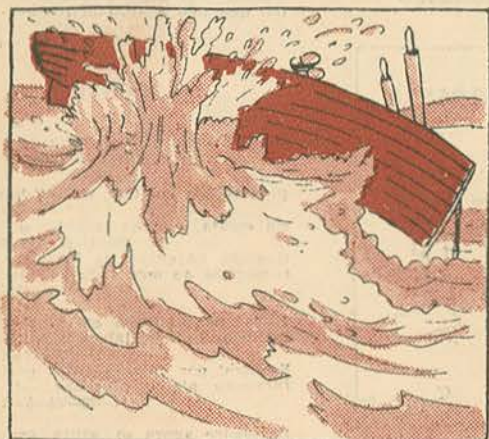
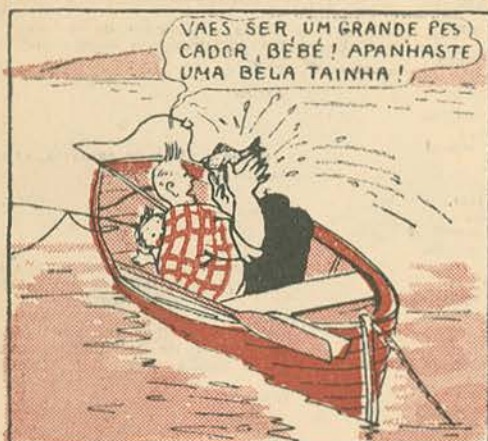
A LINGUA PORTUGUEZA, por Candido de Figueiredo

O illustre academico e filologo Candido de Figueiredo estampou em opusculo (edições Lusitania) com o titulo de *A lingua portugueza em Portugal e no Brasil*, o discurso que proferiu na Academia das Sciencias de Lisboa em 19 de maio de 1923, em resposta ao que antes proferira o eminente historiador brasileiro Oliveira Lima. Trata-se da defeza da simplificação ortografica, a qual no sr. Candido de Figueiredo conta um dos seus mais dedicados, sabedores e constantes artifices.

A. de A.



BÊBÊ VAE A PESCA COM O TIO JUCA





ESFINGIA



Em rapaz, já era mau,—1
E depois ao ser maior,
Quando mais ele era preso,
Tanto mais era peor.

Usou sempre este aparelho,—2
Era mau e provocante,
E o seu maior praser,
Era a confusão constante.

LuzdoMar

Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

Enigma: Astrologia.

Charadas em verso: Filosofia—Artemisa

Enigma pitoresco: Desinteressado

Charadas em frase: Larapio—Caracter

—Acores—Januario—Crepelina

Logogrifo: Momentos desoladores.

*

ENIGMA

(Dedicado ao colega LuzdoMar)

Quero pedir ao colega,
Para que de pronto diga,
Qual a coisa que na escola,
O mau aluno castiga?

Quando fui colegial
—Se bem que fosse mansinho—
Nunca passei p'la vergonha
De sofrer tal castiguinho...

Não cito as letras que tem,
A palavra a decifrar,
Se vos digo é substantivo,
E o que passo a explicar:

E' dividida por sílabas,
Algumas vogaes contem,
E pela regra das coisas,
Tem consoantes tambem...

Em facções, e não difíceis,
Como determina a norma,
O conceito dou por letras,
Divididas d'esta forma:

Setima, quarta, terceira,
Oitava, quinta, segunda,
E mais sexta, é um peixe,
Que por ali muito abunda.

Primeira, segunda, setima,
E oitava por final
E' o sport mais proveitoso
Para o seu profissional...

Sexta, setima, terceira,
E oitava de seguida,
E' o que o doente quer,
Para prolongar a vida.

Quinta, sexta, prima, oitava,
Terça, quarta e... acabou,
Vasilha de pouco preço,
Que em todo o lar sempre entrou...

Se mais coisas vou dizer,
Tiro ao enigma o valor;
O seu conceito aos alunos,
Nas escolas causa horror.

*

CHARADAS EM VERSO

Um devoto do Deus Baco,—1
E de má reputação,
Passou quasi a vida toda,
Entre os ferros da prisão.

Eu já corri seca e meca,
Areias de Portugal,
A' procura de um produto,
Conhecido mineral—1.

Um produto que é sonante,
E de muita applicação,
Tendo no timbre da voz—1
Uma aguda vibração.

Fui encontrá-o por fim,
Triste, só, abandonado,
Sobre um conhecido movel—2
Por todos nós muito usado.

Esse movel tão banal,
Feito de ferro ou de madeira,
Tinha pertencido há tempos,
A um palhaço de feira.

Alvarez & Santiago

*

ENIGMA PITORESCO



*

QUADRO DE HONRA

Alvaro Costa—Dr. Maciel—
Club do Silencio—L. z o Mar—
Tido J—Bibi Jota—S n'Ana—
Zê Postal—D. ma oculta—A. ita—
—Dr. Irlau—A. P. os ca—G. S. H. I—
Teo. aldo—Seugridor—
Sargento crônico—umena—
Ser ot—M. Jogorl—Os três ITT—
Rosa V r e—up do—M. A. Ferreira—
Do 16—Onllegram—
Alves & Garroso—Th. Aldina—
Um Bragueros—T. lo Vazes

Campeões decifradores do penúltimo numero

Pam

CHARADAS EM FRASE

Com o pretexto de ir vêr Colmbra,
Fui procurar um homem de talento—
2—3.

Evora

Enila

*

Sobre o altar da ramaria, cantava esta linda ave—2—1.

Sor-Var

*

(A «Selva» a proposito da sua charada em frase, publicada no n.º 907 da Illustração)

Se sua mulher lhe chama feiticeiro por causa da tal planta, ofereça-lhe outra planta—2—2.

Monção

Majogori

*

Sobre o pé e sob a cara está o adverbio que não é verdadeiro—2—1—1.

Cattita

LOGOGRIFO

Sobre o soneto «Na estrada da Vida» de D. Beatriz deirado

Pela verêda em flor, do sol doirada,—9
—24—11—18—23

Eu segula, rissonha, a alma a sonhar—
90—7—N—17—N—11—19

Quando, na curva da florente estrada,
Começaste ao meu lado a caminhar,—8
—17—24—2—3

E foi então ditosa essa jornada!
De mãos unidas, labios a cantar...—4—
21—20—12—11—1—18

Vinhami por entre a balsa perfumada,
Incejosos alados espelhar...—1—13—R—
14—20—22—5—3—16—10

Deixas-me agora só, aflita, errante
Sem ter coragem de seguir avante
Com medo dos descampados que adivi-
nho...—15—21—6—19—4—11—25—6

Vagabundo da estrada, ó caminheiro!
Se não podias ser meu companheiro,
Porque foi que vieste ao meu caminho?!

LuzdoMar

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Illustração Portuguesa* as decifrações das produções inseridas neste numero.
—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Século* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exactas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saída d'este numero, às 18 horas, na sucursal do Rocio.